

## **Pedagogia e mimesis corpórea: encontros e desencontros**

Lúcia de Fátima Royes Nunes  
Universidade Federal de Santa Maria - UFSM  
mestre  
professora, atriz, diretora e palhaça

Resumo: Neste estudo pretendo expor acerca da metodologia utilizada na Disciplina de Jogo Teatral II, no primeiro semestre de 2009, no Curso de Pedagogia Diurno da Universidade Federal de Santa Maria – Santa Maria, Rio Grande do Sul. Tendo como foco principal a área de atuação dos futuros pedagogos, os quais atuarão na Educação Infantil e nos Anos Iniciais, período esse compreendido dos zero aos nove anos, houve a possibilidade de lançar uma proposta metodológica que abarcasse a referida área de atuação dos Acadêmicos do Curso, como também algo que abrangesse a área de Teatro-Educação.

Nesse sentido registrarei os conflitos, os anseios, os questionamentos, os encontros-desencontros e um fazer coletivo que não prima pelo ensino de teatro como uma ferramenta capaz de contemplar conteúdos a serem trabalhados nas Escolas. Aqui o pretendido é justamente o pensar Teatro na Educação como esforço de um trabalho coletivo, onde a premissa está calcada nas novas possibilidades metodológicas como processo de apropriação da linguagem cênica. Como referências norteadoras do presente serão consultadas bibliografias que tem os seguintes autores: Gil (1991, 1999), Koudela (1998), Mello (1994), Nunes (2003), Spolin (1979), estes muito contribuem com a minha práxis pedagógica como Docente num Curso que não visa a formação do Licenciado em Artes Cênicas.

Por fim trarei os resultados desse experimento como uma possível discussão com os meus pares acerca desse universo tão grandioso chamado Teatro-Educação, ao qual muito aprez a minha prática solitária aqui nessa Instituição de Ensino Superior.

No início do primeiro semestre letivo do ano de dois mil e nove tive a oportunidade de levar uma nova proposta à disciplina de Jogo Teatral II, no Curso de Pedagogia Diurno da Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul. Isso se fez devido ao fato dessas acadêmicas já terem trabalhado acerca do Jogo Dramático e/ou Teatral<sup>1</sup> no semestre antecedente. A seguir passo a relatar alguns dos acontecimentos que me impulsionaram a escrever esse trabalho.

Estávamos eu e as meninas no primeiro dia de aula. Expectativas daqui e de lá. Fiz uma espécie de sondagem nesse dia. Lembro de ter perguntado a elas o que tinham vivenciado na primeira disciplina cujo nome é JOGO TEATRAL I. Prontamente a resposta foi a seguinte: “Vivemos todo o tipo de jogo, onde nos foi apresentada a possibilidade de criação e execução”. Logo mais tarde eu indaguei: Que tipo de jogo vocês vivenciaram? Nesse momento um silêncio se fez presente diante dessa pergunta.

---

<sup>1</sup> Termo utilizado em Nunes (2003) para abordar as diferentes linhas de pensamento existentes acerca do jogo no Teatro-Educação.

Em seguida uma delas falou: ‘Professora nós trabalhamos acerca daqueles jogos e brincadeiras que iremos trabalhar na nossa área de atuação’.

Diante dessa resposta fiquei um tanto ‘maravilhada’. Foi então que lancei a proposta de trabalhar com ‘MÍMESIS CORPÓREA’. Metodologia oriunda da pesquisa de Luis Otávio Burnier (2001), ao qual eu pude ter contato no Curso de Artes Cênicas quando eu era graduanda. No Curso de Artes Cênicas a premissa era ‘antes de sermos professoras/professores temos que ser atores/atrizes e diretores/diretoras’ Nesse existia um outro ‘corpo’ a ‘(de) formar’. Sim, digo isso visto que os corpos que são formados na Escola são corpos presos e, na escola de teatro penso que esse mesmo corpo será (de)formado. Será um corpo formado para outro fim, o palco. O contato com a linguagem proposta por Burnier eu obtive no meu corpo também. Pois fiz um curso em que os atores do LUME trabalharam conosco.

Também vivenciei o ‘experimento’ numa disciplina do Curso chamada Direção II ao qual propus aos meus atores esse método. Faltava agora na minha vida experimentar na EDUCAÇÃO. Propor aos acadêmicos de um Curso que não visa a formação do Licenciado em Artes Cênicas foi para mim um grande desafio. E com isso passo a seguir relatar outros acontecimentos.

## **ENCONTROS**

Diante do exposto, começamos então a rever alguns dos conteúdos trabalhados na primeira disciplina. Aquele que mais se aproximava do trabalho ora proposto. Pesquisamos o conteúdo chamado ‘Teorias sobre Imitação, Brinquedo e Jogo: Características, Surgimento e Evolução’. Nesse conteúdo aprendemos sobre a imitação a partir da visão aristotélica. O que havia de pertinente na escrita do conteúdo, que pudesse ser utilizado nessa pesquisa?

Segundo Burnier (2001, p.181): “A imitação é o processo mais primitivo e instintivo do ser humano” Pensemos então na área de atuação dessas acadêmicas. Elas irão trabalhar com uma clientela dos zero aos dez anos. Ao qual a imitação é o que está de maior potência nas crianças. E se elas não estiverem com o ‘processo de observação atenta’ em seus corpos, muito daquilo que é instintivo na criança será banido. Segundo a afirmativa de Burnier (2001, p.181) “O fato de ele não ter um treino da observação atenta leva-o, quase sempre, a perder grande parte do que lhe foi uma importante ferramenta no início da sua vida. Sua observação atenta”.

Na semana subsequente pedi então para debatermos sobre o que tinham pesquisado tanto na teoria como na prática. Quais dificuldades encontradas no decorrer da semana

em que a observação se faria presente na vida delas? O que pesquisaram? Como foi a vivência nessa pesquisa. Digo isso porque acredito no professor –pesquisador - criador. Talvez essa seja uma outra abordagem educacional. Justamente porque o professor na educação contemporânea ainda é e, está a serviço da sociedade de controle. Essa sociedade que dita as regras de como ser um agente servil, submisso ao Estado. Essa sociedade que a partir da Escola, já naquele instante coloca seus estudantes em contato com outras formações que vão para além de um corpo mobilizado, atento. Como nos afirma Corrêa (2006, pág. 39) “o papel da escola é o de normalizar. Ela imobiliza violentamente para normalizar. E normalizar aqui significa conter e pacificar essas forças até o ponto de transformar fluxos de vida em informação”. Algumas impressões foram surgindo nesse instante. Como por exemplo, o olhar delas foi de um espanto tamanho que eu cheguei a pensar: o que significa esse olhar? O que essas meninas estão pensando diante dessa proposta? Que corpos são esses que não conseguem pensar em outras possibilidades? Com base em Spolin (1979, p. 04), “O jogo é uma forma natural de grupo que propicia o envolvimento e a liberdade pessoal necessários para experiência. Os jogos desenvolvem as técnicas e habilidades pessoais necessárias para o jogo em si através do próprio ato de jogar”. Com isso seguimos adiante na ‘nossa invenção’.

Pedi a elas que escolhessem um lugar para observarmos as pessoas. Logo foi decidido que observaríamos naquele lugar onde um maior número de pessoas passa. Eu sinalizei que sim. E pra lá nos dirigimos. Lá ficamos divididos em grupos. Eu de minha parte também me coloquei a observar as pessoas que por ali estavam. Alguns grupos se interessaram por observar um bom número de ciganas, outros foram para frente do Hospital Universitário observar as pessoas que lá estavam entrando e saindo. Outras observaram os vendedores ambulantes que por ali passavam. E outras não observaram, fizeram de conta.

O que tem esse relato de interessante para nós Professores de Teatro que atuamos no Curso de Pedagogia? Que instrumentos seria plausível numa turma onde os corpos são mortos/vivos? Mortos porque essas meninas não têm apropriação da linguagem cênica. O que talvez fora trabalhado em seus anos escolares ainda é um reflexo da educação jesuítica no Brasil. Outras ainda têm impregnada a noção de ‘simples tarefa’ ou o teatro como aporte aos conteúdos que por elas serão ministrados. Será? E onde começamos então a pensar o teatro na educação? A partir de que lugar isso se faz? Em que momento da vida as capacidades citadas por autores como Olga Reverbel, Ingrid Koudela, Viola

Spolin, Gerard Faure, Joana Lopes, João Pedro Alcântara Gil e tantos outros é perdida ou ganhada?

Penso que tudo isso é um reflexo de como se encontra hoje a educação brasileira. Sim porque os corpos são formados nas escolas para servirem a sociedade. Como nos afirma Passetti e Augusto (2008, p.26) “A escola pode tudo, não por ela mesma, mas pelo seu relevante desempenho ao lado da família, religião, polícia, trabalho, política...formando o aluno, o filho, o crente, o vigilante, o penalizador, o produtivo, o adorador de ídolos”. E nós, quando vamos ao Curso de Artes cênicas esse corpo deixa de, e, encontra outras possibilidades. Assim acontece com a mimesis. Outros corpos possíveis a partir de uma intensa e quiçá exaustiva observação, fizicalização.dança pessoal, enfim tudo aquilo que consta na obra de Burnier. E não compete somente a observação em si, mas um punhado de elementos que podemos chamar de material de trabalho a ser criado, decodificado e codificado.

### **DESENCONTROS**

As dificuldades encontradas em fazer esse experimento têm em seus expoentes inúmeros fatores aos quais cito alguns. Um deles é a impossibilidade de manter um treinamento sistematizado de pesquisa corpórea, visto que não é somente essa disciplina que faz parte do contexto universitário dessas meninas. A outra pode ser a própria falta de interesse e de vontade em experimentar outras possibilidades corporais, (de) formar um corpo que já está a anos vinculado a um espaço físico mínimo, também se fez presente no decorrer do semestre. Foucault (p.119) nos fala de um corpo dócil “A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis””. E fazer um ‘desmanche’ corporal advindo dos jogos e brincadeiras trabalhadas na disciplina de Jogo teatral I e, em conjunto com a disciplina Jogo Teatral II, não foi possível. A impressão creditada em meu corpo ‘dizia’: “Parece que elas nunca trabalharam com jogos ou pensaram nos jogos e nos seus corpos durante a atuação dos mesmos”.

Talvez o que permeia entre o trabalho desenvolvido por Burnier e o Curso de Pedagogia está num limiar de ações. Ou seja, é apenas uma base para o aproveitamento dos jogos e brincadeiras na infância e não uma pesquisa a ser desenvolvida com a profundidade requerida pela mesma. É potencializar aquilo que fora perdido em bancos escolares. É o resgate daquilo que todos nós fizemos no início das nossas vidas. É sem dúvida pensar outras formas de corporeidade e outras estratégias educacionais que visam à liberação do corpo.

Para finalizar esse trabalho, mas não as minha impressões, creio, que os encontros são, de um lado um corpo que cria, que se liberta, aos quais outros corpos são possíveis e, de outro o desencontro que advém de um corpo completamente imobilizado por anos confinados em salas de aula. Na educação.

**BIBLIOGRAFIA:**

BURNIER, Luis Otávio. **A Arte de Ator: Da Técnica a Representação**. Campinas, S. P., Editora da Unicamp, 2000.

CORRÊA, Guilherme Carlos. **Educação, Comunicação e Anarquia: Procedências da Sociedade de Controle no Brasil**. São Paulo. S. P.:Cortez: 2006

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: História da Violência nas Prisões** Petrópolis, R.J.,: Vozes, 1987

GIL, João Pedro de Alcântara, **Para Além do Jogo**. Tese de Doutorado UFSM: Santa Maria, R.S.,1999.

KOUDELA, Ingrid Dormien. **Jogos Teatrais**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

\_\_\_ **Texto e Jogo**. São Paulo: Perspectiva,1999.

NUNES, Lúcia de Fátima Royes. **Álbum de Família: História de Vida de Olga Reverbel**. UFSM: Santa Maria, R.S., Dissertação de Mestrado, 2003.

PASSETTI, Edson & AUGUSTO, Acácio. **ANARQUISMOS E EDUCAÇÃO**. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2008.

SPOLIN, Viola. **IMPROVISACÃO PARA O TEATRO**. São Paulo: Perspectiva, 1979.